

A Baixada Fluminense e suas cidades



Itaguaí

Profa. Ms. Roberta de Souza Campos

SAMBAQUIS NA PRÉ-HISTÓRIA DE ITAGUAÍ

- ▶ Tamba + ki: “amontoadado de conchas”;
- ▶ Há 4.500 AP (antes do presente);
- ▶ Funcionam como indicadores da biodiversidade local ao longo de milhares de anos;
- ▶ O posicionamento da linha de costa na Baía de Sepetiba alterou-se, estando atualmente recuado o nível do mar em cinco metros abaixo do que era há 7.000 AP, ou seja, o mar regrediu (CARELLI);
- ▶ No Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) há o registro de dois sítios em Itaguaí: o “Sambaqui da Estrada de Ferro” e o “Sambaqui de Santa Cruz”;
- ▶ O sambaqui mais documentado da Baía de Sepetiba é o Zé Espinho em Guaratiba, em 1980 foi encontrado nele mais de 20 fósseis humanos;
- ▶ Eram comunidades com aproximadamente 50 indivíduos, com uma economia sobretudo coletora-pescadora, esses povos usavam conchas e ossos como recursos do seu cotidiano alimentar e doméstico;
- ▶ A extração de areia e cal é a maior ameaça aos sambaquis no Brasil. Responsáveis pela dilapidação do patrimônio arqueológico, a ignorância, a especulação imobiliária e a negligência estão extinguindo nosso conhecimento possível sobre a humanidade;
- ▶ O “sambaquiano” Ernesto, reconstituído em 3D pelo Museu Nacional/UFRJ em 2018, a partir de fóssil humano encontrado no Sambaqui Zé Espinho em Guaratiba, RJ;





TUPINAMBÁS NA PRÉ-HISTÓRIA DE ITAGUAÍ

- ▶ Obras do Arco Metropolitano, em 2009, quando o Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB) mapeou dezenas de sítios arqueológicos de Itaguaí à Duque de Caxias. Em Itaguaí, há materiais que remontam do século XV, urnas funerárias e cerâmicas *tupiguarani*, possivelmente Tupinambá (DIAS; NETO);
- ▶ Acredita-se que esses sítios pertenceram aos povos originários que lidaram diretamente com a conquista europeia (DIAS);
- ▶ A existência de ao menos quatro aldeias indígenas na região do Arco Metropolitano em Itaguaí e Seropédica, os sítios arqueológicos foram nomeados como: Aldeia Japeri, Aldeia Itaguaçu, Aldeia das Igaçabas e Aldeia Amundaba. Além desses sítios, há ainda mais 14 sítios arqueológicos em que apareceu material *tupiguarani*, porém os limites das escavações não permitiram avaliar com precisão;
- ▶ Ocupações indígenas, de povos Tupi-Guarani, nas cercanias da Guanabara a partir do início da Era Cristã (DIAS) e no Vale do Rio Guandu a partir do século XV, podendo esta última datação recuar, a depender de novas evidências arqueológicas para além da linha do Arco Metropolitano;
- ▶ No período da conquista, nos arredores da Baía de Sepetiba existiam algumas aldeias originárias: Guaratiba, Sepetiba, Gerussaba, Genipaíba e Sapéagoera (ABREU; SILVA);
- ▶ “Economia comunal” (DIAS, 1998) ou “modo de produção doméstico” (MAESTRI). Agricultura de subsistência, com foco na produção de tubérculos (aipim e batata-doce) e do milho, complementada pela caça, pesca e coleta de frutos;
- ▶ Evidências de cerâmica *tupiguarani* no sítio arqueológico denominado Mato dos Índios IV, localizado próximo à Serra de Itaguaí, região banhada pelo Rio Mazomba;
- ▶ Cunhambebe (-1555), líder Tupinambá da Costa Verde que liderou a Confederação dos Tamoios na região, em ilustração de André Thevet;



INVASÃO E CONQUISTA PORTUGUESA

► Em 1567, Cristovão Monteiro (-1573) requer a sesmarias originária, dizendo que combateria os “contrários”: “(...) guerrear, convém a saber, desde ‘Çupya Yguoera’, aldeia que foi dos índios, até Goaratiba” (TRELLADO);

► Após sua morte, sua filha, Marquesa Ferreira, doa suas terras aos Jesuítas, para o “Curral dos Padres”. Os inacianos recebem mais doações e fazem permutas, chegando à constituição da gigantesca Fazenda de Santa Cruz no início do século XVII;

► A Ilha da Marambaia foi dominada por franceses em 1605 e pelos holandeses em 1608, sob a batuta do almirante Joris Von Spilbergen, acredita-se que os Correa de Sá tenham expulsado os outros europeus;

► Martim Correa de Sá (1575-1632) “atrai” grupos originários vivendo na Ilha Jaguarámenon (Jaguaiaimenão, Jaguanum) e os aldeia nas terras dos jesuítas, no lugar de nome Itinga (água clara). (PIZARRO) Além disso, tupiniquins que haviam se aliado aos portugueses na conquista da Baía de Guanabara também são instalados em Itinga;

► Os jesuítas, acredita-se liderados por José de Anchieta, fazem descimentos da Lagoa (Alagoa) dos Patos (SC), considerado um “viveiro” indígena, constantemente atacado pelos paulistas/bandeirantes. 400 indígena de etnia Carijó são trazidos para o Rio de Janeiro e distribuídos pelos aldeamentos coloniais recém fundados, inclusive Itinga;

► Fotografia do desfile da Escola de Samba Acadêmicos de Santa Cruz no carnaval de 2004, com o enredo: “Nas páginas do Brasil, Santa Cruz escreve sua história”. O bandeirante que vemos em destaque no carro é Cristovão Monteiro (Fonte: Facebook, Página Antigo Santa Cruz);

ALDEAMENTO COLONIAL DE SÃO FRANCISCO XAVIER DE ITAGUAÍ

► O que são “Aldeamentos Coloniais”? Espaços múltiplos, tanto de colonização quanto de resistência indígena. (ALMEIDA) Nos aldeamentos os indígenas eram obrigados a prestar serviços ao Estado colonial e à senhores locais em troca de jornais/salário, além de seguirem os ordenamentos católicos e prestarem serviços militares. Em contrapartida eram considerados súditos e recebiam a sesmarias do aldeamento (o que não foi o caso de Itaguaí). Tais normas foram estabelecidas pelo “Regimento das Missões” (1686);

► Existem algumas versões para a fundação do aldeamento colonial de Itinga, inicialmente teria sido fixado nas Ilhas da Baía de Sepetiba: Jaguanum, Marambaia e Itacuruçá (Piaçavera) entre as décadas de 1610 e 1620. (SOUZA E SILVA) Por volta de 1718, um século depois, foi deslocado para o continente e rebatizado com o nome “Aldeia de São Francisco Xavier de Itaguaí”;

► A construção da Igreja foi concluída em 1729 e elevada à condição de Paróquia encomendada, sob o orago da Aldeia de Itaguaí, em 1759 (SOUZA E SILVA). Do Tupi-Guarani, ita + guay: “lago entre pedras”; tagoa + hy ou taguá + y: “água amarela”; itá + kûá + y: “rio da enseada da pedra” (Foto: IBGE);

► “Andanças” indígenas nas tarefas coloniais: Construção, limpeza e segurança de fortalezas; Abertura, calçamento, construção de pontes e manutenção dos caminhos e estradas; Abertura de valas e construção de diques; Abastecimento, escoamento, guias, tocadores (auxiliares de tropeiros), carregadores, barqueiros e estafetas (correios); Peões, boiadeiros e agricultores; Diligências contra desertores e extravio do ouro; Capitães do mato; Pesca, inclusive de baleias; Remadores e marinheiros; Flecheiros, soldados e membros da Guarda Nacional; Artesãos e fiadeiras, na fábrica Santo Agostinho (CAMPOS);

► A controversa figura do Capitão-mor de origem indígena José Pires Tavares (17??-1805) e sua luta pela manutenção do aldeamento na década de 1780, ameaçada pelo inspetor da Fazenda Real de Santa Cruz, Manoel Joaquim de Castro e Silva;



CAMINHOS PARA SÃO PAULO E MINAS GERAIS

►Caminho Velho: caminho misto, por terra e por mar: (1) Do Rio de Janeiro até Sepetiba pelo “Caminho dos Jesuítas”; (2) De Sepetiba até Parati numa rota por mar; (3) De Parati até São Paulo pela Serra da Bocaina; (4) De São Paulo até Minas Gerais pelo “Caminho dos Guaianá”;

►Caminho Novo (de Garcia Paes), 1707: Pelo interior da Baía de Guanabara, serra acima. Evitava o ataque corsário na Baía de Sepetiba e da Ilha Grande;

►O famoso mapa Turístico da Estrada Real revela que a região da Fazenda Jesuítica de Santa Cruz está justamente nos interstícios dos chamados Caminho Velho (lado esquerdo) e Caminho Novo (lado direito), entretanto isso não significa que não tenha sido entrecortada;

► “Caminho de transição”: O chamado “Caminho Novo da Piedade” (1725-1778) cortou a Fazenda de Santa Cruz até alcançar São João Marcos, abrindo caminho pelo Sul fluminense e pelo Oeste paulista, no Vale do Paraíba, região que seria explorada pela produção de café no século XIX (TOLEDO). Também chamado de “Estrada Geral para São Paulo” ou “Estrada da Independência”;

► Morosidade para abertura do Caminho Novo da Piedade: oposição das elites das Vilas de Parati e Angra dos Reis, disputas de poder entre os paulistas e a Coroa, preocupação das autoridades com os descaminhos do ouro e por rejeição dos próprios jesuítas;

► Impacto sobre os Puri, Coroados, Coropó, Goitacá e Paraíba, que viviam nos sertões fluminenses, expansão da sociedade colonial, sobretudo serviços e o poderio das elites;

►Independente do estado de abandono em que se achava o Caminho Novo da Piedade, variante do Caminho Novo de Garcia Paes, a função aglutinadora e as experiências sociais que mobilizou são motivos suficientes para figurar como Estrada Real que cingiu Itaguaí;



ASCENSÃO E CRISE DE ITAGUAÍ (Século XIX)

- “Renascimento Agrícola” (SCHWARCZ) e o impacto da Revolução Haitiana: construção de dois engenhos pela Coroa, Itaguaí e Piaí (Sepetiba). Mais tarde, os engenhos são arrematados (1806) por uma associação de homens de grosso trato, terminando nas mãos dos irmãos portugueses Gomes Barroso, que tornam a ameaçar a existência da Aldeia;
- Elevação de Itaguaí à Vila (1818) a partir das terras comuns esbulhadas da Aldeia de Itaguaí, por ordem de D. João VI (MOREIRA). Passou a ter três freguesias: São Pedro e São Paulo do Ribeirão das Lajes (Paracambi), Nossa Senhora da Conceição do Bananal (Seropédica) e a Freguesia de Mangaratiba (até 1831). Ribeirão das Lajes e Bananal eram formadas por foreiros da Fazenda de Santa Cruz;
- A elite que se constituiu em Itaguaí apoiou D. Pedro mesmo antes da independência e ao longo do século XIX compuseram o grupo conservador ou saquarema (MOREIRA et al.);
- Importância do Porto da Vila de Itaguaí na primeira metade do século XIX, escoando a produção local e o café do Vale do Paraíba que descia através de mulas e burros e por pequenas embarcações nos rios Macacos, Guandu e Itaguaí, que eram navegáveis, fazendo a cabotagem para o porto do Rio de Janeiro. Em 1830 o porto foi reformado e em 1839 a exportação de café pela Vila de Itaguaí alcançou aproximadamente 500 mil arrobas (MOREIRA et al.). Na década de 1850 começava a funcionar a “Companhia Itaguahyense de Navegação”, que com dois vapores transportava passageiros de Itaguaí ao Rio de Janeiro;
- Tráfico negreiro nas praias de Itaguaí a partir de 1831, a “logística traficante” (PESSOA) encaminhava os escravizados para o Vale do Paraíba. Os desembarques eram feitos em Coroa Grande e em Maromba. Pelo projeto Voyages foi registrado a entrada de 3.552 indivíduos por Itaguaí, maioria de homens adultos, entre 15 e 40 anos. A família Souza Breves era uma das responsáveis pelo tráfico negreiro em Itaguaí;
- A produção de café não era o forte de Itaguaí, suas freguesias produziam mais no contexto da policultura (OLIVEIRA). Assim, foi registrada a diminuição da população escravizada ascendentemente a partir da segunda metade do século XIX, o mesmo vale para as vilas vizinhas - Parati, Angra dos Reis, Mangaratiba e Nova Iguaçu. Por outro lado, o número de escravizados é ascendente no Vale do Paraíba (RUIZ);
- A construção da ferrovia EFDPII e sua inauguração em 1858, ligando a corte até Queimados, levou a elite portuária de Itaguaí à bancarrota. Na sequência, os rios foram abandonados e sem manutenção transbordavam produzindo alagadiços pantanosos que favoreceram surtos de doenças tropicais, em fins do século XIX;
- Fotografia anônima, Engenho do Facão, 1906. Comemoração dos 200 anos de Itaguaí;



MOLÉSTIAS E SANEAMENTO

- ▶ Regularização da Fazenda Nacional der Santa Cruz e o “jubileu do grileiro” na 1ª República, a transferência das terras devolutas (públicas) para domínio privado;
- ▶ Regularização da Fazenda Nacional der Santa Cruz e o “jubileu do grileiro” na 1ª República, a transferência das terras devolutas (públicas) para domínio privado;
- ▶ A agricultura e a pecuária extensivas, o desmatamento da Mata Atlântica, os usos dados aos rios, canais e portos, e a ausência completa de rede de esgoto e água encanada chegaram num limite em Itaguaí;
- ▶ Endemias de malária e febre amarela (febre palustre) devido à insalubridade e encharcamento dos rios na década de 1890;
- ▶ “Vazio demográfico” no pós-abolição? Um debate por ser feito;
- ▶ Governo de Quintino Bocaiúva (1900-1903): Geração do “cinturão verde” e reforma sanitaria da Baixada Fluminense (FADEL);
- ▶ Governo de Nilo Peçanha (1909-1910): instalação da ferrovia em Itaguaí (1911), com ramais que percorriam Itaguaí, Itacuruçá, Mangaratiba e Angra dos Reis. Essa linha nunca foi eletrificada, circulando com locomotivas à vapor ou à diesel. Tinha o apelido popular de “macaquinho”. Os trens de Itaguaí pararam de circular em 1989, atualmente os trilhos são utilizados para o transporte de minério de ferro pela empresa MRS Logística e a antiga Estação abriga a Casa de Cultura de Itaguaí e a Biblioteca Municipal Machado de Assis;
- ▶ Serviço de Profilaxia Rural (1918-1923), Belisário Penna, equipe de Oswaldo Cruz e a Fundação Rockefeller deram início às primeiras políticas públicas de saúde no território. Na imagem uma Farmácia em Itaguaí (1920-1923). Fonte: Coleção Fiocruz, Brasileira Iconográfica;
- ▶ O saneamento da Bacia do rio Guandu e da “Baixada de Sepetiba” ocorre apenas no governo Getúlio Vargas através do Departamento Nacional de Obras e Saneamento - DNOS (1933-1942);



COLONIZAÇÃO JAPONESA

- ▶ “Kasato Maru” (1908): 781 japoneses desembarcaram no Brasil, marco da imigração japonesa no Brasil. As principais cidades de desembarque foram São Paulo e Rio de Janeiro;
- ▶ Itaguaí é a maior localidade com presença nipônica na história do estado do Rio de Janeiro e permanecendo até hoje, embora tenha ocorrido também o retorno de descendentes ao Japão (INOUE);
- ▶ Advindos de Minas Gerais, já estavam vivendo em Itaguaí as famílias: Hoshina, Kawaguchi, Kozaki, Okazaki e Wada, quando em foi fundado o Núcleo Colonial Santa Cruz (1939), com uma seção na reta de Piranema, e depois outros japoneses foram para Mazomba, para o Núcleo Colonial Santa Alice (1940);
- ▶ Inicialmente, a lida foi exclusivamente na agricultura, em condições adversas desenvolveram a cultura de arroz, verduras, tomates, quiabo, banana, goiaba e mais recentemente o coco. Inclusive, as colônias japonesas de Santa Cruz e Itaguaí foram responsáveis pela elaboração de novas espécies de tomates e quiabo, que são consumidos massivamente até hoje (INOUE);
- ▶ Na década de 1950, alguns japoneses em Itaguaí tornaram-se comerciantes, administravam uma fatia do comércio lojista de Itaguaí: “lojas de material de construção, cinemas, bancos, peixarias e quitandas” (SHIKADA et al.);
- ▶ “Perigo Amarelo”: Xenofobia, proibição da imigração japonesa e o fechamento da embaixada do Japão no Brasil em 1941. Em 1942, a Colônia Nipônica de São Bento, em Duque de Caxias foi removida à força para a Colônia Santa Alice de Itaguaí;
- ▶ Sociabilidade japonesa em Itaguaí: Em 1948 ocorre o processo de reabertura dos espaços de ensino de língua japonesa, inauguração do Kaikan (1952) e do Bunka Club (1952), ambos em Piranema. Os japoneses fundaram o primeiro cinema de Itaguaí, mais especificamente o sr. Yassuichi Inoue, o famoso “Cine Inoue”, em que ocorria apresentações de cinema mudo e teatro de bonecos (marionetes). Além da ocorrência dos “undokai” (evento poliesportivo, jogos, atividades lúdicas e culturais que são organizadas com antecedência e periodicidade para a reunião familiar e comunitária);
- ▶ Precariedade no Núcleos Coloniais, o Movimento Nacional Popular Trabalhista (1955) e o Comitê J-J;
- ▶ Na fotografia o famoso time de baseball: Itaguaí Bunka Club (Fonte: Agenda Bafafá);





LOTEAMENTOS E CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO

► Década de 1950: A política de loteamentos em Itaguaí propagandeava a proximidade com praias, cachoeiras e montanhas. Num anúncio em 30 de julho de 1952: “NÃO FIQUE PARADO VOCÊ ESTÁ PERDENDO TERRENO!” (Jornal Imprensa Popular);

► Aumento de olarias, indústria de construção e negócios imobiliários começaram a surgir, mas a via de regra foi a “autoconstrução” (SIMÕES), quando a população recorre às suas próprias soluções e é onerada com a moradia. Esse fenômeno é observado em toda a Baixada Fluminense, o espaço público sofre intervenção da própria população: estradas, encanamento, esgoto, luz elétrica, pontos de ônibus, espaços de lazer etc., quando o poder público é mais rápido em lotear do que garantir infraestrutura e políticas públicas;

► Planejamento urbano e apropriação do solo suscetível à contravenções: “nepotismo” junto ao prefeito Vicente Cicarino, em 1954, quando sua esposa, Elvira Cicarino, passou a administrar o cartório de Itaguaí. Além de golpes das imobiliárias contra trabalhadores que pensavam comprar terrenos em locais acessíveis, ao passo que descobriam a localização de terrenos em “fins de mundo”;

► Desenvolvimento urbano e comercial próximo às ruas Ruas General Bocaiúva, Dr. Curvello Cavalcanti e Paulo de Frontin, mas o chão ainda era de terra batida, sem asfaltamento;

► O “boom” populacional em Itaguaí se deu efetivamente na década de 1970, quando a Estrada Rio-Santos foi aberta. Na ocasião, houve muita violência no campo, com a expulsão de posseiros, indígenas, quilombolas e caiçaras. Nos anos 1980, o bispo D. Vital Wilderlinck, adepto da Teologia da Libertação, junto à comunidades eclesiais de base e à Comissão Pastoral da Terra, foi responsável por proteger e assegurar o direito à terra a centenas de agricultores na Costa Verde (GREGÓRIO);

► Anúncio no Jornal Imprensa Popular;

DITADURA MILITAR, IMPEACHMENT E AÇÕES CÍVICO-SOCIAIS

► Década de 1960: Acirramento da luta de classes no Brasil devido ao contexto da Guerra Fria. A derrota do trabalhismo social-democrata de Jango em 1964 e a vitória do golpismo histórico liberal-oligárquico;

► Impacto do AI-1 em Itaguaí: Prerrogativa da cassação de mandatos, demissão, aposentadoria compulsória e suspensão de direitos políticos por 10 anos, o que se seguiu foram expurgos no serviço público e nas fileiras militares;

► Em Itaguaí o próprio prefeito foi cassado (impeachment), Sebastião Conceição (PST), e o reitor da URB (atual UFRRJ), Ydérzio Vianna, teve o mesmo destino. Sob o pretexto de que eram “comunistas” e “corruptos”, o que levanta a hipótese da perseguição política pela lógica do “inimigo duplo” (MOTTA). Os jornais da ordem e a grande mídia incentivavam os expurgos, antes que a justiça pudesse investigar, caracterizando-se como porta-vozes dos militares;

► Doutrina de contrainsurgência ou contrarrevolucionária, com influência das táticas de ação militar-policial desenvolvidas pela França no Vietnã e na Argélia: sistema de informação, tortura como arma de guerra, terrorismo de Estado, emboscadas e execuções, mas também a busca do consenso;

► Aliança para o progresso do J.F. Kennedy e as ACISOS: assistencialismo através de eventos promovidos diretamente pelas Forças Armadas, como: obras de infraestrutura, vacinações, atendimento odontológico, palestras, recreação, exibição de filmes etc. Fotografia da Agência Nacional, 1968;



INDUSTRIALIZAÇÃO, HUB PORT E IMPACTOS AMBIENTAIS

- “Revolução Industrial de Itaguaí” e suas contradições socioambientais na Baía de Sepetiba: “indústria de base mineral”, “indústria de transformação” e “hub port” (exportação de commodities minerais);
- Cia. Mercantil e Industrial Ingá (1962-1998): Responsável por um dos maiores crimes ambientais do século XX no Brasil. Fabricante de zinco de alta pureza, com o despejo de 10 milhões de toneladas de metais pesados e resíduos altamente tóxicos na Baía de Sepetiba, que podem gerar doenças agudas e crônicas pelos efeitos bioacumulativos (DELMONTE);
- COSIGUA (1971, Santa Cruz) foi a primeira estatal siderúrgica a ser privatizada no Brasil;
- Nuclebrás Equipamentos Pesados S.A., NUCLEP (1975), criada para produzir o maquinário (reatores, geradores de vapor etc.) das Usinas Nucleares no Brasil, sabe-se que apenas Angra I foi concluída. Hoje participa do Programa de Desenvolvimento de Submarinos (PROSUB);
- Porto de Sepetiba (1982), hoje Porto de Itaguaí, e Porto Sudeste (2015). Hub port acompanhado de consequências ambientais extremas pelo desmatamento de zonas de manguezais e remobilização de matérias depositados pela Ingá no fundo da Baía. A 200 km do Pré-sal;
- CSA, atual Ternium (2010, Santa Cruz): Na década de 1970 preparavam o terreno para a instalação da Usina II da CSN, mas o esgotamento do chamado “milagre econômico” não permitiu. Implementada pela Vale e pela alemã ThyssenKrupp Steel, com investimentos do BNDES e isenções fiscais, operou de 2010 a 2016 sem licença ambiental, outro escândalo. Em 2017 foi vendida para a ítalo-argentina Techint/Ternium. Altos índices de poluição atmosférica, aumentando em 76% a emissão de dióxido de carbono (CO₂) na cidade do Rio de Janeiro, além da fuligem chamada de “chuva de prata”;
- Campanhas SOS Baía de Sepetiba nos anos 1990 e Pare TKCSA (Pare Ternium) nos anos 2010;
- Arco Metropolitano (2014);
- “Zona de sacrifício do Capital”, “Lixeira Industrial” e Racismo Ambiental.
- Fotografia: PACS.



BIBLIOGRAFIA CITADA

- ABREU, Maurício de Almeida. Geografia Histórica do Rio de Janeiro. Vol. 1. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio e Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 2010.
- CAMPOS, Roberta. Os Índios do Sudeste Fluminense e a Grande Transformação: Territorialização, Trabalho e Conflitos Territoriais (1770-1830). UFRRJ, Dissertação de Mestrado, 2015.
- CARELLI, Soraya; et al. Evolução holocênica da planície costeira de Itaguaí, Baía de Sepetiba/RJ, baseado em evidências geológicas, geocronológicas e geofísicas. In. SANTOS, Sônia; RODRIGUES, Maria Antonieta; e PEREIRA, Silvia. Baía de Sepetiba: Estado da arte. Rio de Janeiro: Corbã, 2012.
- DIAS, Ondemar. O índio e o Recôncavo da Guanabara. RIHGB, Ano 159, nº 400, 1998.
- DIAS, Ondemar; NETO, Jandira. A Pré-História e a História da Baixada Fluminense: A ocupação humana da Bacia do Guandu. Belford Roxo: Editora IAB, 2017.
- DELMONTE, Branca A. Caracterização Geoambiental da Cia Mercantil e Industrial Ingá: Elaboração de um Modelo Conceitual. PUC-Rio, Dissertação de Mestrado, 2010.
- FADEL, Simone. Meio Ambiente, Saneamento e Energia no período do Império a Primeira República: Fábio Hostílio de Moraes Rego e a Comissão Federal de Saneamento da Baixada Fluminense. São Paulo: USP, Tese de doutorado, 2006.
- INOUE, Mariléia. Imigração Japonesa no estado do RJ. Entrevista ao Podcast Atual. Youtube, 16/11/2023. Acesso em 5/01/2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=unpVcwKLSUM>
- MAESTRI, Mário. Os senhores do litoral: Conquista portuguesa e agonia Tupinambá no litoral brasileiro (século XVI). Porto Alegre: EdUFRGS, 1995.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Os expurgos de 1964 e o discurso anticorrupção na caricatura da grande imprensa. Revista Tempo e Argumento, Vol. 8, nº 18, 2016.
- MOREIRA, Gustavo; SANTOS, Maria de Fátima; ASSIS, Taís. Itaguaí: a Cidade do Porto. Itaguaí: SMEC, 2010, 1ª Edição.
- MOREIRA, Vânia Losada. De índio a guarda nacional: cidadania e direitos indígenas no Império (Vila de Itaguaí, 1822-1836). Revista Topoi, Vol. 11, nº 21, 2010.
- OLIVEIRA, Max. Do café à policultura: Fazendeiros, lavradores foreiros e as transformações na estrutura fundiária de São Francisco Xavier de Itaguaí (1850-1900). UFRRJ, Dissertação de Mestrado, 2015.
- PESSOA, Thiago; PEREIRA, Walter. Silêncios atlânticos: sujeitos e lugares praieiros no tráfico ilegal de africanos para o Sudeste brasileiro (c.1830 - c.1860). Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 32, nº 66, 2019.
- PIZARRO E ARAÚJO, José de Souza Azevedo. Memórias Históricas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Impressão Régia, 1820. Tomo V.
- RUIZ, Ricardo Muniz de. A Família Escrava no Império do Café: Itaguaí, Rio de Janeiro (1820-1872). UFF, Tese de doutorado, 2015.3
- SHIKADA, Akiyoshi; et al. História dos cem anos da imigração japonesa no estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.
- SILVA, Rafael Freitas da. O Rio antes do Rio. Rio de Janeiro: Editora Babilônia, 2015.
- SILVA, Joaquim Norberto de Souza e. Memória Histórica e Documentada das Aldeias de Índios do Rio de Janeiro. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Rio de Janeiro. Vol. 62, nº.14, 1854.
- SIMÕES, Manoel. Cidade Estilhada: reestruturação econômica e emancipações municipais na Baixada Fluminense. Rio de Janeiro: Entorno, 2011.
- SCHWARCZ, Stuart. Escravos, roceiros e rebeldes. Bauru: Edusc, 2001.
- TOLEDO, Francisco Sodero. Estrada Real: Caminho Novo da Piedade. Campinas: Ed. Alínea, 2010.
- TRELLADO da Carta conteúda na pitisão atrás que hé o seguinte. In. Livro de Tombo do Colégio de Jesus do Rio de Janeiro. Documento 81. Anais da Biblioteca Nacional, Divisão de Publicações e Divulgação, Vol. 82, 1962.